

TYPOS EM GRACILIANO RAMOS

Rafaella Giordano¹

(PIBIC-UNIRIO)

Neste artigo busquei entender as questões literárias, políticas e autobiográficas do escritor alagoano Graciliano Ramos. Para tal, utilizei cartas publicadas, missivas do acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) e o livro *Viagem* (1954). A viagem a São Paulo – consequentemente a visita ao acervo do IEB – só foi possível graças ao financiamento da UNIRIO com a bolsa de Iniciação Científica. A pesquisa epistolar proporcionou a percepção sobre as relações entre os arquivos e as obras publicadas, além da aparição política do autor em diversos momentos de sua carreira, mas principalmente após sua prisão, em que ocorreu ao escritor uma necessidade ética de se colocar mais na sociedade. As escolhas discursivas através da intersubjetividade aparecem em diversos momentos, demarcando um panorama político de negligenciamento do *eu* e valorização do *outro* e um panorama autobiográfico, já tão estudado no autor.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, Arquivo, Correspondência.

1. Introdução

Primeiramente, precisa-se pensar as cartas literárias, diários e relatos de viagem como objetos literários, fazendo parte, então, do acervo de obras e produções de determinado autor, como o escritor e historiador Fernando Rocha Peres (2008, p. 9) defende:

É consabido que as cartas ou as correspondências (ativas ou passivas), de escritores, artistas, cientistas e pessoas outras, são documentos de grande valor para a história, a biografia e os “estudos culturais”. Através do seu conhecimento ou leitura, pode-se sentir a vida de pessoas especiais ou comuns, seu entorno, suas relações e, em certos casos, entrar nos mais profundos e solitários repositórios de suas inquietações, sentimentos, dificuldades, etc.

Para esta análise, serão utilizadas as cartas publicadas do autor Graciliano Ramos e o material observado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), localizado na Universidade de São Paulo (USP). Além disso, relações serão feitas com os livros de Ramos a fim de notar aparições políticas e autobiográficas em suas diversas formas textuais.

O recorte temporal feito para a pesquisa, do qual este artigo é fruto, dá-se a partir da prisão de Graciliano (março de 1936) até a sua morte (1953), passando por sua viagem à União Soviética (1952). O estudo focou nas escolhas e representações de Graça e as relações de criação própria nos textos

¹ Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-UNIRIO) e orientada pelo Prof. Dr. Marcelo dos Santos, aluna de Licenciatura em Letras (UNIRIO). rafaella.giordanof@edu.unirio.br

mencionados. Além disso, as questões do público e privado, tão trabalhadas nos estudos (auto)biográficos, também foram consideradas.

2. *Typos*: escolhas e representações de Graciliano Ramos

Do grego *typos*, temos a palavra “tipo” como figura, marca, impressão² e podemos pensar como imagens são escolhidas e representadas nos discursos, principalmente nos literários. Os olhares, os registros e os testemunhos são essenciais para a formação de uma representação, um *typos*, na literatura autobiográfica. As criaturas criadas pelos intelectuais geralmente não representam o pobre (SANTOS, 2004, p. 65), mas Graci³ teve um caminho um pouco diferente: apesar de a pobreza não estar em todos os papéis sociais de seus personagens, ele mesmo apresentou algumas características semelhantes aos pobres (preso, nordestino, escritor pobre).

Graciliano Ramos desde sempre buscou os menos privilegiados em suas narrativas e, talvez por isso, foi considerado comunista e preso pelo governo de Vargas – mesmo se filiando ao Partido somente em 1945. *Vidas Secas* é considerado por muitos como um grande marco na chamada segunda fase modernista por retratar os retirantes e a extrema dificuldade de sobrevivência da maior parte dos nordestinos, mas Graci sempre observou populações mais vulneráveis. Os pobres, como Joel Rufino dos Santos define,

(...) são os despossuídos, não de qualquer posse, mas de território, de casa, de emprego (embora não de trabalho), de local (embora não de lugar), de família (embora não de nome) e enfim do próprio corpo (no casos dos escravos e servos da Colônia e Império). (2004, p. 29).

No mesmo estudo, o historiador Joel Rufino (2004, p. 30) assinala que pobres não são pessoas excluídas da sociedade (pois não há essa possibilidade), mas são pessoas sem classe - e são exatamente os indivíduos que Graciliano desejava apresentar no meio literário. Pobres são cidadãos que, por algum motivo, se tornaram vulneráveis e não se encaixam mais em nenhuma classe. Por conta disso, Santos (2009, p. 24) chega a colocar Ramos como “um romancista de pobres” em sua análise. Entretanto, pode-se perceber como nem sempre foi dessa maneira,

² Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/tipo/>>. Acesso em: 21/05/2020.

³ No âmbito familiar, costumava ser chamado por “Graci”, principalmente por sua segunda esposa, Heloísa Ramos.

pois houve uma mudança após sua prisão e suas produções se tornaram mais explicitamente políticas e sociais, como veremos a seguir.

E enquanto esperamos vivemos chocando um projeto vago, qualquer coisa a respeito dum romance que vá da favela ao arranha-céu onde os tubarões da indústria digerem o país, e entre o morro e o escritório – a livraria, o jornal, a pensão do Catete, o restaurante Reis, o bar automático, o cinema, o teatro, o mangue e o café da Cinelândia. Enfim tudo indeciso, provavelmente não será escrito o livro.⁴

Afirma a reação que a massa é estúpida, insensível, e por isso devemos oferecer-lhe chavões e bobagens rudimentares. Resolvi não fazer ao público nenhuma concessão: escrevi na minha prosa ordinária, que, se não é natural, pois a linguagem escrita não pode ser natural, me parece compreensível. [...] Decidi, pois, falar num discurso como falo nos livros. Iriam entender-me? Talvez metade do auditório fosse formado pelas escolas de samba. E referi-me à canalha dos morros, à negra da irresponsável, utilizando as expressões dos jornais brancos. Era arriscado. Aceitaria a Multidão essa literatura sem metáforas e crua? Além disso, Deus me deu uma figura lastimosa, desagradável, cheia de espinhos. Com essas desvantagens, senti-me apoiado logo nas primeiras palavras, e conversei como se estivesse em casa.⁵

Hoje, a festa para que fomos convidados. O desfile começou às dez horas e deve ter-se prolongado até sete da noite. [...] Víamos de longe, com dificuldade, a cabeça de Stalin. [...] Subi à última plataforma exterior do Kremlin, fui andando para a esquerda, cheguei a poucos metros do túmulo do Lenin, no momento em que Stalin ia subindo a escada. Aproximei-o com o binóculo. Está velho, gordo e curvo. [...] Stalin passou. Recuei dez metros, quis examinar os figurões que estavam ali a pequena distância. (1980, p. 215-216)⁶

Os trechos selecionados nos demonstram como Graciliano Ramos desejava mostrar os povos marginalizados na sociedade e que participavam constantemente de grandes atos sociais (pessoas do morro, que assistem ao comício, que trabalham num desfile). As passagens de diários e cartas estão representando uma situação autobiográfica e construindo uma identidade performativa, o que o pesquisador Sérgio Barcellos define como “autonarração” (2009, p. 74). Portanto, podemos identificar que Graça esteve preocupado em escolher/representar as populações deixadas de lado não só na sua escrita, mas também nas suas observações pessoais, recuando alguns metros para ter uma cena em que todos os participantes tenham papéis e importâncias.

3. A relação do *eu* a partir do *outro*

⁴ Arquivo IEB-USP, Graciliano Ramos, FGR-CA-019. Carta a Junio Ramos de 09/04/1938.

⁵ Arquivo IEB-USP, Graciliano Ramos, FGR-CA-021. Carta a Junio Ramos de 12/10/1945.

⁶ Carta a Clara, Luisa e Ricardo Ramos. Moscou, 1º/05/1952

Há tempos já se discute, no campo das discussões literárias e dos estudos sobre o discurso, sobre dependermos do outro para nos criarmos. No estudo epistolar não poderia ser diferente: a subjetividade se dá através do social, da identidade que construímos socialmente em vista dos outros, como o filósofo Clément Rosset define a partir da sua concepção de “eu-mesmo” (ROSSET, 1999). As escritas graciliânicas remetem ao outro em diversos momentos para falar sobre si (o “eu” representa, variadas vezes, o próprio Graciliano, o nordeste brasileiro, a literatura brasileira - situações em que Graciliano se vê e coloca como possibilidade de representação) e as comparações são inevitáveis.

Graça apresenta diversos espaços públicos e privados, como se explicará ao longo da seção atual. Porém, esta dicotomia é explicada por Leonor Arfuch a partir da análise da pluralidade de vozes: “(...) haverá vários espaços públicos e privados, coexistentes, divergentes, talvez antagônicos, o que é também uma maneira de dar conta das diferenças - e desigualdades.” (2010, p. 101). Isso fica ainda mais latente em Graciliano Ramos, ao percebermos e analisarmos os diferentes locais pelos quais o autor passou, entrou e averiguou⁷ - além das reflexões colocadas em papel sobre cada um desses momentos. Vale lembrar que, ao colocarmos as impressões na rasura feita na folha, na escrita, já estamos apresentando um espaço público em diálogo com nosso espaço íntimo - após a modernidade, a intimidade passa a ser desnaturalizada como espaço exclusivamente interior (ARFUCH, 2010, p. 85).

Graci, como era chamado no ambiente familiar, esteve em posições sociais pouco privilegiadas, apesar de ter sido político (prefeito) e escritor valorizado no cenário nacional: viveu em um país com extremo preconceito contra os nordestinos e com diversas situações de déficit financeiro (principalmente após a liberdade). A representação do povo a que pertenceu - nordestino vivendo no eixo Rio-São Paulo - demonstrava algumas certezas sobre como o “matuto” era colocado quando produzido por seres que apenas apresentavam, mas não representavam. Um exemplo é o trecho abaixo de carta ao tradutor argentino Benjamín de Garay:

Os nossos matutos nunca foram observados convenientemente. Os que aparecem em romances pensam como gente da cidade e falam difícil, apenas deformando as palavras [...] Com esse recurso infantil, certos escritores brasileiros se julgam sagazes. (2008, p. 63)

⁷ Percorreu alguns espaços em Alagoas e, após a prisão, ficou morando no Rio de Janeiro - em geografias variadas. Realizou a viagem à Tchecoslováquia e visitou a Argentina na década de 50.

As escolhas/representações colocadas em seus textos demonstram como os “sem-lugar” e “sem-classe” ganham protagonismo, como os retirantes de *Vidas Secas* ou os operários (trecho de *Viagem* já referido), talvez pelo autor também se ver, de alguma forma, próximo a essas situações. Essa representação, em certo ponto, de si na escrita demonstra o *habitus* de Pierre Bordieu, explicado por Rufino como “o sentido de pertencimento a essa configuração [do espaço e distância social]” (2004, p. 58). A configuração apresentada por Bourdieu, e consequentemente por Rufino, se dá pela disposição dos indivíduos (*agentes*) conforme a distribuição dos capitais econômico e cultural - *o espaço social*. Quando os seres não se relacionam graças ao distanciamento sociocultural há a *distância social*; o *habitus*, portanto, se dá no pertencimento, no acolhimento dessa diferença social. Graciliano, em diversos momentos, se colocou como um ser estranho ao resto das pessoas por diversos motivos - dinheiro, situação literária de (não) prestígio, repressão etc. - , mas sempre buscou avaliar, entender o contexto dos seus semelhantes em algum nível (trabalhadores, favelados etc. - os *pobres* de Rufino).

As questões espaciais, também, são de extrema importância, no sentido literal ou figurado: o escritor consegue se manter no mercado brasileiro? Existem facilidades ao escritor brasileiro?

Como exemplo, podemos pensar sobre o corpo do autor e o espaço no processo literário em um bilhete de 27 de março de 1936, e em um relato viajando à URSS:

Julgo que sou um dos mais ignorantes daqui. Pediram-me uma conferência sobre a literatura do nordeste, mas não tenho coragem de fazê-la. [...] As camas têm percevejo, mas ainda não os senti. Quanto ao mais, água abundante, alimentação regular, bastante luz, bastante ar. (1980, p. 161)

Não pude fugir a uma comparação desagradável à minha terra. Lembrei-me da sede mesquinha da Associação Brasileira de Escritores. É uma saleta, num décimo primeiro andar, e como os elevadores encancam regularmente, subimos de ordinário a escada, chegamos àquelas alturas deitando a alma pela boca. A diferença entre a nossa penúria e o que nos exibiram aqui chocou-me. (2007, p. 171)

A presença do corpo em determinado espaço, cheio de percevejos e inquietações, pode vir a atrapalhar o processo de escrita abertamente autobiográfico (viria a ser também em *Memórias do Cárcere*, publicado em 1953). No livro citado, diversos momentos representam essa dificuldade por questões de saúde e, após

sua liberdade, as questões financeiras também devem ser levadas em conta – como Silviano Santiago apresentou no romance ficcional *Em liberdade* (1981). Além disso, a condição social do escritor só é pensada ao se observar os luxos e privilégios que os russos apresentam em relação aos brasileiros ou os luxos que o próprio escritor tem em relação aos seus colegas de cárcere.

Nos textos de *Viagem*, há uma dicotomia entre o eu e o outro, quando há negligência do eu (no caso de Graça, a própria escrita, a população brasileira, o Brasil) ao se vangloriar o outro (educação soviética, organização dos escritores soviéticos) nas comparações em seus textos abertamente autobiográficos. Ao analisarmos as cartas de Graça com colegas de trabalho (como os tradutores argentinos) sobre esse aspecto, perceberemos que tal tipo de dicotomia continuou ocorrendo:

A literatura brasileira, coitada, ainda bem magra, muito por baixo: há nela uns pobres diabos famintos e uns sujeitos ricos, que felizmente não escrevem. Todos juntos valem pouco. Em horas de patriotismo e entusiasmo falamos alto e enchemo-nos de fumaça naturalmente. Podia ser pior, já foi pior – e isto consola. Afinal alguns desses que você menciona e mais talvez uns dois são ruins de todo. É possível que desta medonha trapalhada se salve meia dúzia de páginas. (2008, p. 73)

Em diversos momentos, a liberdade e a capacidade de viajante são pontos determinantes para observação da sociedade e do comportamento do eu em relação ao outro. Ademais, por estar no contexto editorial, as preocupações da situação literária são extremamente recorrentes ao autor e estão em diversas cartas a seus amigos e tradutores.

4. Conclusão

A partir do exposto, é notório como Graciliano Ramos apresentou características políticas e autobiográficas em diversos momentos de sua trajetória textual. As produções intersubjetivas, através do e para o outro ao falar de si foram fundamentais – principalmente ao notarmos como o *eu* se mantém com o povo, o trabalhador, o pobre, o nordestino. O discurso construído politicamente está junto do riscado, do rasurado e do apagado que a sociedade temia (e teme) em fazer, mas que Graci tentou mostrar em sua escrita.

5. Referências bibliográficas

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico** - Dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução: Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

Arquivo IEB – USP, **Fundo Graciliano Ramos**, Correspondência ativa

BARCELLOS, Sérgio. Diários pessoais: isolamento ou convivência? In: **Revista Literatura em debate**. V. 4, n.5, p. 64-80, jul-dez, 2009.

MAIA, Pedro Moacir; PERES, Fernando de Rocha (org.). **Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro**. Salvador: EDUFBA, 2008.

RAMOS, Graciliano. **Cartas**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

_____. Memórias do Cárcere I. Rio de Janeiro: Editora Record/Altaya, 1953 [1996].

_____. **Viagem**. Rio de Janeiro: Record, 2007

ROSSET, Clément. **Loin de moi**. Étude sur l'identité. Paris: Les Éditions de Minuit, 1999.

SANTIAGO, Silviano. **Em liberdade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Épuras do social** - Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.